

AS SETE DIREÇÕES DA CONSCIÊNCIA

A Bússola Interior que Governa a Vida Humana

Por Aínor Francisco Lotério

Engenheiro Agrônomo | Psicopedagogo | Mestre em Gestão Pública | Diácono Permanente | Palestrante Nacional

INTRODUÇÃO

O ser humano nunca se move apenas no espaço físico. Ele se move no tempo, na imaginação, na ancestralidade e no espírito. Há uma geografia interior que antecede, orienta e sustenta toda trajetória visível: a bússola da consciência. Ao longo de décadas de atividade como palestrante, extensionista rural, gestor público e Diácono Permanente, tenho observado que os indivíduos e as organizações que florescem não o fazem por acaso. Eles desenvolveram, conscientemente ou não, a capacidade de mover o olhar em múltiplas direções — para o passado que os formou, para o futuro que os convoca, para a terra que os ancora, para o alto que os transcende, para os lados que os confrontam com o outro e, sobretudo, para dentro de si mesmos, onde residem a força e o sentido de tudo.

Este artigo propõe uma cartografia do universo interior humano por meio do que chamo de As Sete Direções da Consciência — um mapa existencial capaz de orientar tanto o desenvolvimento pessoal quanto a formação de lideranças, a educação cooperativista, a gestão pública e a prática da Agrosafia como filosofia de vida. Cada direção é um olhar que, integrado aos demais, configura uma inteligência orientada, luminosa e transformadora.

1. O OLHAR PARA TRÁS: A ORIGEM E A MEMÓRIA

Nenhuma árvore cresce sem raízes. O olhar para trás é o reconhecimento de que a história pessoal, familiar e comunitária é parte constitutiva do que somos. Ela nos dá raízes, sem as quais o vento de qualquer adversidade nos derruba. Quando ignoramos o passado, sofremos daquilo que o filósofo espanhol George Santayana descreveu com precisão: quem não conhece a história está condenado a repeti-la.

Na perspectiva da Agrosafia — filosofia de vida que integra sabedoria agrícola, humanismo e sustentabilidade —, o olhar para trás equivale ao reconhecimento do solo em que fomos semeados. Meu pai, Auri Fábio Lotério, foi extensionista rural pioneiro e cofundador da CRAVIL, cooperativa que moldou gerações inteiras no Extremo Oeste catarinense. Esse é meu próprio solo. Ignorar essa genealogia seria perder a referência de onde venho e, portanto, de quem sou. O olhar para trás é também a morada da gratidão — virtude que conecta o presente às bênçãos herdadas e ao trabalho dos que vieram antes.

Na formação cooperativista, esse olhar é essencial: compreender a linhagem histórica do movimento — dos Pioneiros de Rochdale, em 1844, até as cooperativas de crédito brasileiras do século XXI — não é mero exercício acadêmico. É o fundamento doutrinário que distingue uma cooperativa genuína de uma empresa comum com roupagem associativa.

2. O OLHAR PARA A FRENTE: O DESTINO E A ESPERANÇA

Se o passado nos dá raízes, o futuro nos dá asas. O olhar para a frente é a dimensão do propósito, da esperança e da visão estratégica. É ele que nos faz levantar da cama, que sustenta o empreendedor na adversidade, que mantém o líder cooperativista fiel aos princípios mesmo quando o mercado pressiona por desvios.

Viktor Frankl, psiquiatra austríaco e sobrevivente do Holocausto, demonstrou em sua obra central que o ser humano suporta qualquer coisa desde que tenha um porquê. A força do futuro não reside na certeza do que virá, mas na clareza do para onde se vai. Organizações cooperativas que perdem o horizonte estratégico viram clubes de interesses imediatos. Indivíduos sem projeto de vida futura tornam-se reféns da reatividade cotidiana.

Na Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú-SC, o reflorestamento com espécies nativas da Mata Atlântica — como o garapuvu e o ipê — é a expressão concreta desse olhar para a frente. Não plantamos para colher amanhã, mas para que os que vierem depois encontrem sombra, beleza e vida. Esse é o tempo longo da sabedoria.

3. O OLHAR PARA BAIXO: A ÂNCORA DO PRESENTE

Olhar para baixo significa tocar o chão com os pés. É a consciência do presente, da realidade concreta, do plano físico onde a vida de fato acontece. Num tempo marcado por excesso de estímulos digitais, projeções virtuais e ansiedade pelo que ainda não chegou, a ancoragem no presente é uma virtude rara e decisiva.

O filósofo e psicólogo William James já advertia que o hábito de viver na cabeça — no passado do remorso ou no futuro da ansiedade — é uma das maiores fontes de sofrimento humano. A presença plena, por sua vez, é a condição básica do discernimento correto: só quem vê com clareza o que é pode agir com pertinência. Para o líder, para o gestor, para o cooperativista e para o educador, a âncora no presente é o pré-requisito de qualquer decisão ética e eficaz.

A extensão rural, ofício que exerci por longos anos na Epagri-SC, exige precisamente esse olhar: o técnico que chega à propriedade sem enxergar o solo real, o clima real e a família real diante dele não consegue recomendar nada útil, por mais sofisticado que seja seu repertório teórico.

4. O OLHAR PARA CIMA: A UTOPIA E A TRANSCENDÊNCIA

Eduardo Galeano, ao ser questionado sobre a utilidade da utopia, respondeu com uma das mais belas imagens da literatura contemporânea: a utopia está no horizonte; cada vez que avanço dois passos, ela recua dois passos. E então, para que serve? Serve para caminhar. O olhar para cima é esse impulso permanente que nos coloca em movimento rumo a algo maior do que nós mesmos.

Na dimensão espiritual, esse olhar é a abertura ao transcendente, ao Deus Criador que, na trilogia que orienta minha caminhada pessoal e pastoral — Deus, eu mesmo e minha companheira de vida —, é a primeira e invisível entidade da aliança plena. O olhar para cima não é fuga da realidade; é a busca do fundamento último que dá sentido a tudo o que vivemos. A espiritualidade não é luxo: é a energia mais profunda de sustentação do ser humano em momentos de crise.

Para os cooperativistas, o olhar para cima é a fidelidade doutrinária: os valores de solidariedade, equidade, democracia e responsabilidade social não são apenas boas práticas de governança. São os ideais que elevam o movimento acima da lógica puramente mercantil e o tornam uma escola permanente de civilização.

5 E 6. OS OLHARES PARA OS LADOS: ALTERIDADE E EMPATIA

Os olhares laterais representam nossa relação com o mundo exterior e, especialmente, com o outro. Um dos lados corresponde ao modo habitual de enxergar e agir — o hemisfério da lógica, da ordem e da ação direta. O outro lado exige mudança de perspectiva: adotar o ponto de vista do outro, acolher o contraditório, exercitar a empatia e a flexibilidade.

Martin Buber, filósofo judaico-austriaco, distinguiu dois modos fundamentais de relação: o eu-isso, em que o outro é tratado como objeto, e o eu-tu, em que o outro é reconhecido como sujeito pleno. As organizações cooperativas, por sua própria natureza, deveriam ser escolas do eu-tu. A gestão democrática, a educação cooperativista e a participação comunitária só fazem sentido quando cada membro é reconhecido como portador de dignidade, e não como número ou volume financeiro.

A alteridade — essa capacidade de ver o mundo pelos olhos do outro sem perder os próprios — é a matriz da empatia, da comunicação autêntica e da liderança servidora. Em meu rádio Alegria de Viver, em funcionamento desde 1989, o que move cada programa é precisamente esse encontro: a escuta como ato de amor e a palavra como ponte de sentido.

7. O SÉTIMO OLHAR: PARA DENTRO DE SI

Chegamos ao centro de toda a cartografia. As seis primeiras direções mapeiam o ambiente ao redor e o tempo em suas dimensões. Mas é no olhar para dentro que a mágica — ou o caos — acontece. O mundo exterior fornece coordenadas; o mundo interior decide o que fazer com elas.

Carl Gustav Jung denominava esse processo de individuação: a jornada contínua de integração das diferentes dimensões do ser, rumo à totalidade. Não se trata de perfeição, mas de coerência progressiva entre o que somos, o que dizemos e o que fazemos. O sétimo olhar é o momento em que recolhemos tudo o que vimos nas seis direções e processamos no interior da própria consciência.

Quando há inteligência e sabedoria nesse olhar interior, o resultado é organização do caos: o passado é acolhido com gratidão e sem apego; o futuro é planejado com esperança e sem ansiedade; o presente é habitado com plenitude; o alto é buscado com fervor; o chão é respeitado com humildade; e os lados são integrados com empatia. A força que sai de dentro para fora torna-se orientada, assertiva e luminosa.

Quando há desorientação, o resultado é o inverso: o indivíduo se perde no passado como remorso, no futuro como pânico, perde a âncora do presente, desiste do alto e se isola dos lados. A força interior se apaga ou se torna destrutiva. A Pedagogia da Ausência — conceito que desenvolvo no contexto da sucessão familiar e empresarial — parte exatamente dessa compreensão: o herdeiro que não desenvolveu o sétimo olhar não sucederá o líder; apenas ocupará seu lugar.

A BÚSSOLA DA SABEDORIA

A sabedoria não é o domínio de todos os saberes. É a arte de saber girar a cabeça no momento certo. É a inteligência de discernir quando é hora de olhar para trás para aprender, para a frente para se motivar, para baixo para não perder o chão, para cima para se inspirar, para os lados para se humanizar e, principalmente, quando fechar os olhos e olhar para dentro para se encontrar.

Esse mapa das sete direções não é abstrato. Ele se manifesta concretamente no modo como um cooperativista conduz uma assembleia, no modo como um gestor público presta contas à sociedade, no modo como um pai ou uma mãe orienta os filhos na sucessão da propriedade rural, no modo como cada pessoa enfrenta as inevitáveis crises da existência.

A Agrosafia — filosofia que integra sabedoria agrícola, valores humanistas e prática sustentável — já ensinava esse mapa antes de qualquer sistematização acadêmica. A terra ensina: o agricultor sabe que precisa conhecer o histórico do solo (passado), planejar a safra futura (futuro), monitorar as condições presentes (presente), respeitar as forças naturais maiores (alto), cuidar do ecossistema vivo (chão) e cooperar com vizinhos e parceiros (lados). É no laboratório silencioso da Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, que essa bússola se traduz em vida real.

A pergunta que fica para cada leitor e para cada líder é: qual dessas direções você tem negligenciado? Qual olhar você perdeu no meio da correria? Porque é exatamente a direção que falta que indica o próximo passo da sua jornada.

REFERÊNCIAS E LEITURAS RECOMENDADAS

FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Petrópolis: Vozes, 2008. Obra fundamental para compreender a força do propósito e do olhar para a frente como sustentação da vida humana.

JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2008. Referência essencial para o estudo do sétimo olhar, do processo de individuação e da integração do mundo interior.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2004. Fundamento filosófico dos olhares laterais: a ética do encontro, a alteridade e a relação como espaço de humanização.

GALEANO, Eduardo. *As Palavras Andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994. Fonte da célebre imagem da utopia como horizonte que nos faz caminhar, estruturante do olhar para cima.

SANTAYANA, George. *The Life of Reason*. Nova York: Scribner, 1905. Base do princípio que orienta o olhar para trás: quem ignora a história está condenado a repeti-la.

CONTEÚDOS DO AUTOR RELACIONADOS A ESTE TEMA

Portal do palestrante Aínor Francisco Lotério — Temas de Palestras, Agrosafia e Motivação:
<https://www.ainor.com.br>

Aínor Lotério — Pedagogia da Alegria: descobrindo o poder interior para aprender e educar (II Fórum Regional de Educação):
<https://ainor.com.br/2019/09/pedagogia-da-alegria-professores>

Ainor Lotério — Motivação e Sensibilização para a Longevidade Humana (Palestras realizadas):
<https://ainor.com.br/categoria/palestras-lista/>

Ainor Lotério — Cooperativismo, Família e o Poder Interior: Textos, Artigos e Metatextos:
<https://ainor.com.br/categoria/blog/>

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é Engenheiro Agrônomo, Mestre em Gestão Pública, Psicopedagogo, Comunicador e Palestrante Nacional com mais de quatro décadas de atuação nas áreas de Motivação, Cooperativismo, Agrosafia, Longevidade, Comunicação e Gestão Pública. Diácono Permanente desde 2003, atua na Paróquia Divino Espírito Santo de Camboriú-SC. Fundador da Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, Camboriú-SC, onde pratica o reflorestamento com espécies nativas da Mata Atlântica. Mantenedor do programa de rádio Alegria de Viver, em atividade contínua desde 1989. Seu portal profissional é www.ainor.com.br.